

O canto do rouxinol

João Paulo Lorenzon

Quando vamos ao teatro, podemos tropeçar em nossos buracos, em nossas margens, em nossos equívocos. Tropeçamos, com sorte, no não sentido, aquilo que surge de uma estranheza e rompe com nossa ordem estabelecida. Ordem incrustada dentro de nós pela força do hábito, adquirida pelo condicionamento social e não por nossa escolha libertária.

Nos revestimos de sentidos que não nos pertencem e quando tropeçamos nos deparamos em queda com algo que estava perdido, esquecido, escondido, algo à margem, à beira, inconsciente: o não sentido.

O teatro, se ele não for conservador, ele pode gerar abalos imprevistos, um louco alvoroço dentro da alma, uma rebelião dos sentidos.

Uma revolta contra o acomodamento das convenções pré-estabelecidas. O absurdo da condição humana está mais perto do inconsciente e do sonho do que de nosso cotidiano. Tentamos acomodar a vida em uma lógica apertada. Criamos convenções rasas ao nosso instinto profundo, no entanto, não cabemos nelas e não sabemos como arrebentá-las, mas o teatro, sim, ele as explode. Ele nos convida ao estranhamento e explode a dimensão alienada.

Conheci a psicanalista Cristina Perdomo, em 2019, em uma conversa realizada pelo Sedes, ao final de uma apresentação em que eu fazia *Van Gogh: A Sombra do Invisível*, no Teatro Viga, que já não existe.

Cristina não era debatedora da noite, era convidada. Quando ouvi suas palavras, não sei bem o que aconteceu. Talvez tenha sido a ligeira estranheza de seu sotaque portenho, talvez a sutileza do seu timbre, que me recordava alguém, agora distante, talvez o seu manuseio das palavras que produzia silêncio, mas algo especial aconteceu dentro de mim ao escutar suas palavras, e eu tropecei.

Após o encontro, trocamos contatos, nos correspondemos durante a pandemia, e eu lhe disse que seria uma alegria um novo encontro em uma nova peça, ao que ela me respondeu: “É isso que a gente tem que fazer, a gente tem que se reinventar e, como diz Borges,: ‘sobretudo não perder a capacidade de sonhar.’”

Cinco anos mais tarde, nasceu *Quase Infinito*, montagem teatral inspirada no universo de Jorge Luis Borges, realizada em cinco movimentos: quatro angústias modernas e um possível renascimento. No dia oito de setembro, estávamos juntos mais uma vez, ao lado das luminosas psicanalistas, Ligia Gomez e Margaret Marques, e toda uma plateia vibrante por busca de sentidos e não sentidos e, junto de nós, também, a capacidade de sonhar.

Neste dia, Cristina, sem saber, disse algo que me remeteu ao que tinha acontecido comigo em nosso primeiro encontro: “A palavra é como uma noz, uma noz de onde se retira os sons e os significados. É a palavra que se pode abrir, ela é um universo infinito, ela sempre pode ser aberta em uma infinidade de colorações.”

Jorge Luis Borges sempre volta a uma tarde sul-americana já antiga e vê seu pai. Ouve sua voz dizendo palavras que ele, menino, não entendia, no entanto, as sentia. As palavras eram de Keats, John Keats, de sua *Ode a um Rouxinol*. Claro que Borges não compreendia aquelas palavras. Como poderia entender versos sobre um pássaro que era imortal, porque vivia no presente?

Nós somos mortais, não porque morremos, mas porque vivemos sempre no passado e no futuro, porque sempre nos lembramos de um tempo em que não existíamos e antevemos um tempo em que estaremos mortos.

Talvez o frêmito que eu senti com as palavras de Cristina Perdomo seja similar ao frêmito que Borges sentiu naquele distante momento de sua infância em Buenos Aires, quando ouviu seu pai ler o poema em voz alta. E o fato de que a poesia não era somente um meio de comunicação, era música, era paixão.

Quando vamos ao teatro, quando abrimos a página de um livro, quando encontramos alguém e olhamos nos olhos, quando fazemos uma viagem ou mesmo a todo instante, numa praça, numa ponte, num porão, basta que desejemos, podemos tropeçar e escutar o canto do rouxinol.